

GILBERTO FREYRE E SUA COSMOVISÃO CRISTOCÊNTRICA

Edson Nery da Fonseca

ESCLARECIMENTO INICIAL

Ao classificar a *Weltauschauung* freyriana como cristocêntrica, devo esclarecer, em primeiro lugar, que ele era, pessoalmente, um cristão, isto é, acreditava em Cristo não como simples profeta e sim como filho de Deus. Gilberto Freyre gostava de dizer que, em vez de fé, tinha esperança, "a fé dos pobres". A esperança foi, portanto, "sua razão de viver e de morrer", como diria Malraux.

Também quero recordar que, embora formado em antropologia e em sociologia, Gilberto Freyre sempre evitou tanto o antropocentrismo como o sociocentrismo; e que apesar de historiador, nunca resvalou no historicismo. Os *ismos* não o atraíram; nem os científicos nem os políticos. Se aceitava o cristianismo era por acreditar no Cristo total ou Pantocrático dos bizantinos; no Cristo senhor do universo.

Lembro ainda que, ao estudar a formação da sociedade brasileira – desde os primórdios à sua projeção *além do apenas moderno* – Freyre repelia o etnocentrismo dos que o precederam nesses estudos, optando por uma interpretação cristocêntrica da cultura luso-brasileira. Importa, finalmente, esclarecer que ao propor, no fim da década 30 e começo da 40, o estabelecimento de uma federação de povos lusófonos, Gilberto Freyre salientou que, por ser multirracial, essa federação só tinha um caminho: o de organizar-se como a sociedade cristã de que falava o grande poeta e ensaísta T. S. Eliot, em sua obra *The Idea of a Christian Society*.

Devo lamentar, a propósito dessa federação de povos lusófonos, que o pioneirismo de Gilberto Freyre foi injustamente omitido quando, em

novembro de 1989, fundou-se em São Luís do Maranhão o Instituto Internacional da Língua Portuguesa, com a presença dos presidentes das repúblicas de Angola, do Brasil, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de Portugal e de São Tomé e Príncipe.

HUMANISMO CRISTOCÊNTRICO

Quando se fala no humanismo de Gilberto Freyre, é indispensável precisar o caráter total e, por assim dizer, gestaltiano desse humanismo; sua condição cristocêntrica, na acepção, repito, de um Cristo total ou pantocrático: o que nasceu para salvar todos os homens e para tudo reunir no Pai que o enviou com esta disposição amorosa e amplamente ecumênica.

Cabe, aqui, uma evocação pessoal. Em 1952, morava o autor deste artigo na praia de Tambaú, tendo como hóspede um ilustre pesquisador português, o geógrafo Mariano Feio. Gilberto Freyre chegou, um dia, em nossa casa da Avenida do Nego – então um espaço de areia aberto no meio do coqueiral e habitado quase somente por pescadores – na companhia de Odilon Ribeiro Coutinho. Saímos para almoçar com Mariano Feio, muito feliz pelo encontro com o escritor brasileiro, tão amigo de outro eminente geógrafo português: mestre Orlando Ribeiro.

Depois que voltamos para casa, Mariano Feio me disse que não podia compreender como um antropólogo da categoria de Gilberto Freyre – que devia saber muito bem ser o simbolismo religioso um fenômeno puramente cultural – usava no pescoço a medalha de Nossa Senhora do Carmo, a ele imposta – imposição litúrgica, podia eu acrescentar – por frei Romeu Peréa, para protegê-lo durante a longa viagem que empreendeu, em fins de 1951 e começos de 1952, pelo mundo afro-asiático de formação lusitana.

Falei a Gilberto Freyre da surpresa de Mariano Feio, tendo ele respondido que sua crença no sobrenatural seria um permanente sinal de escândalo para os adeptos do positivismo científico e do racionalismo filosófico: os que não admitem outra abordagem do real que não seja através da ciência e da razão.

Sua atitude, como antropólogo e historiador social, foi a de nunca se contentar com abordagens puramente científicas, mas a de procurar completá-las tanto pela compreensão à la Dilthey como por uma decidida abertura para o mistério, como escreveu nos prefácios de *Sobrados e Mucambos*: de modo breve no da primeira edição dessa obra e, mais detalhadamente, no da segunda edição, consideravelmente aumentada.

RAÍZES AUTOBIOGRÁFICAS DA COSMOVISÃO FREYRIANA

Esta conciliação de contrários – objetividade e impressionismo, razão e intuição, documentação rigorosa e imaginação interpretativa – é um traço marcante da cosmovisão freyriana, podendo ser explicada auto-

biograficamente. Ela seria uma consequência do jogo de contrários a que Gilberto Freyre foi submetido em sua infância e primeira mocidade: de um lado, o ceticismo paterno e do outro o catolicismo materno; a cultura greco-latina do pai e a cultura anglo-americana do Colégio Gilreath; o cristianismo batista da Universidade de Baylor e o cristianismo católico de seu mestre Oliveira Lima.

Minha sugestão é a de que, desde menino e por todos os anos decisivos de sua formação intelectual e moral, Gilberto Freyre sentiu-se chamado a conciliar extremos antagônicos; como depois, já na segunda mocidade, o da observação científica por alguns chamada *física social* e a interpretação metafísica. E ficaria para sempre atraído pela conciliação de outros contrários, como o do passado com o futuro, o regional com o universal, a tradição com a pós-modernidade, o rústico com o erudito, o rural com o urbano, etc.

Escolhendo o Brasil como assunto de seus estudos de história social e de sociologia e antropologia aplicadas – o Brasil tanto em suas origens patriarcais, escravocratas e latifundiárias como em suas *insurgências e ressurgências atuais* – eis que Gilberto Freyre se depara com uma sociedade inteira gerada e estruturada sobre conflitos: o da Europa com a América, o do colonizador com o colonizado, o da casa-grande com a senzala, o do sobrado com o mucambo, o do litoral com o interior, o do esplendor com a decadência, o da sensualidade com o misticismo, o do jazigo com a cova rasa.

Não era possível esperar maior empatia de um pesquisador com seu assunto. De Gilberto Freyre podemos afirmar o que ele mesmo observou do português, que pela formação étnica e cultural e pelos seus antecedentes de povo indeciso entre a Europa e o Trópico, estava predisposto a ser o colonizador ideal de um Brasil tão rico de contrastes.

Com sua própria formação pessoal tão aliciantemente submetida a violentos jogos de contrastes, Freyre estava também predisposto a melhor compreender o *ethos* brasileiro. Ele foi realmente *el brasileño integral* da certa caracterização do historiador social argentino Ricardo Sáens Hayes, ao prefaciar as duas primeiras edições de *Casa-Grande & Senzala* em língua espanhola.

UNIDADE NA DIVERSIDADE

Sou dos que pensam ser indispensáveis, para melhor entendimento do pensamento freyreano, a leitura não apenas de seus principais livros, mas de toda a obra: inclusive os tão injustamente menosprezados folhetos e as não menos desdenhadas separatas. Álvaro Lins comparou a obra de Gilberto Freyre a uma árvore, na qual – acrescente-se ao crítico pernambucano – as raízes são os textos dos anos 20, o tronco é a *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*, os galhos são os desenvolvimentos de aspectos específicos da formação brasileira – *Um Engenheiro Francês no Brasil*, *Inglêses no Brasil*, *Nós e a Europa Germânica*

ca, *O Brasileiro entre outros Hispanos, À Propósito de Frades* – e a *copa a Sociologia: Introdução ao Estudo dos seus Princípios e Além do Apenas Moderno*; sem esquecer os ramos, dentre os quais destaco *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-Brasileira, Continente e Ilha, On the Iberian Concept of Time*, etc.

Quando se fizer um dia o ordenamento temático dessas centenas de textos – grande parte dos quais dispersos em obras coletivas e publicações periódicas – ver-se-á como a obra de Gilberto Freyre representa o Brasil, em toda sua unidade na diversidade.

Logo no primeiro capítulo de *Casa-Grande & Senzala* Gilberto Freyre observa que “o Catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade”. Eu diria que o cimento da unidade freyriana é, na diversidade temática de sua obra, a cosmovisão cristocêntrica. Não tendo optado por nenhuma forma confessional de cristianismo, Gilberto Freyre foi, entretanto, profundamente cristão, como André Gide em conhecida anotação do *Journal*: “o catolicismo é inadmissível, o protestantismo é intolerável, mas eu me sinto profundamente cristão”.

Na interpretação do *ethos* brasileiro ele opôs essa cosmovisão cristocêntrica ao etnocentrismo de tantos pesquisadores que o precederam. Sua visão cristocêntrica da formação brasileira, explicitada em *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-Brasileira*, identifica-se com a de T. S. Eliot em *The Idea of a Christian Society*. Como Eliot, Freyre pensava que uma sociedade pode ser cristã sem que seus membros aceitem os dogmas e as doutrinas de qualquer confissão religiosa. A sociedade cristã, como explicou no citado ensaio-conferência de 1940, é “aquela em que o *natural* do cristianismo é aceito, sociologicamente, por todos; o *sobrenatural* – com os seus dogmas, as suas doutrinas, a sua teologia – pelos que têm olhos para o *sobrenatural*” (grifos do original). Ele, como vimos inicialmente, tinha olhos para o sobrenatural: estava, portanto, entre os poucos que foram escolhidos, de acordo com a misteriosa promessa evangélica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) OBRAS DE GILBERTO FREYRE

Casa-Grande & Senzala. 4 ed. definitiva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. 2 v. (Coleção Documentos Brasileiros, 36–36A).

A primeira edição é de 1933, sendo esta a mais recomendável.

Sobrados & Mucambos. 2. ed. rev. e muito ampliada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. 3 v. (Coleção Documentos Brasileiros, 66–66B).

A primeira edição é de 1936, mas esta (e as seguintes) inclui novos capítulos e, sobretudo, notável e imprescindível introdução, inclusive para melhor entendimento da cosmovisão cristocêntrica do autor.

Uma Cultura Ameaçada: a Luso-Brasileira. 3 ed. brasileira (4. em língua portuguesa) aumentada com novos apênsos e uma introdução do autor. Recife: Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, 1980. 120 p.

A 1ª edição é de 1940, mas ésta se recomenda pelo novo prefácio e apênsos indispensáveis ao esclarecimento da cosmovisão cristocêntrica do autor. Destaco do prefácio: "A vasta e abrangente miscigenação brasileira é – ou vem sendo nas suas predominâncias – democratizante e, em sentido socialmente ético, cristianizante" (p. 19).

Região e Tradição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. 264 p.

Destaco nesta obra, além do importantíssimo prefácio de José Lins do Rego (referenciado adiante), a introdução do autor e o capítulo "Apologia pro generatione sua".

Sociologia: Introdução ao Estudo dos seus Princípios. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 2 v.

A primeira edição é de 1945, mas o notável prefácio de Anísio Teixeira só aparece a partir da segunda.

A Propósito de Frades. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 190 p.

Destaco este trecho: "Nós, sociólogos e antropólogos, somos acusados por homens de outras ciências de às vezes fazermos antes sermões do que ciência em torno dos desajustamentos sociais que procuramos estudar ou interpretar. Não me parece que haja nisto aberração: é uma ciência, a Sociologia, demasiadamente próxima da condição humana para não se tornar marginal da Filosofia em torno dessa condição. Se o sociólogo moderno verifica que, para aquele desajustamento, concorrem causas outras desprezadas pela Sociologia, por parecerem matéria exclusiva dos filósofos, dos moralistas, dos teólogos, seria ele um covarde intelectual se insistisse em tal desprezo, pelo receio de parecer menos científico ou menos objetivo em seus pronunciamentos." (p. 37).

Como e por que sou e não sou sociólogo. Pref. de Roberto Lyra Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1958. 189 p.

Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. 2, ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. 154 p.

A primeira edição é de 1955, difícil de obter pela sua condição de livro de arte (Edições Condé). A última edição (Rio de Janeiro, Record, 1988) é valorizada por notável prefácio de José Geraldo Nogueira Moutinho. Destaco estes dois trechos: "O mistério continua conosco, homens do século XX, embora diminuído pela luz elétrica e por outras luzes" (p. XXXIII); "O sobrenatural ou o sobrenormal continua a atrair a atenção dos homens os mais sofisticados" (p. XXV).

Tempo Morto e Outros Tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915–1930. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 267 p.

Alguns trechos expressivos da preocupação do autor com o sobrenatural: "Recife, 1916. Confesso que venho me preocupando e muito com o problema do homem em relação com Deus" (p. 9); "Recife, 1917. Acabo de me declarar Cristão Evangélico. Será que o Cristianismo Protestante vai corresponder ao que espero dele? A antiburguezia que espero dele?" (p. 20); "Nova Iorque, 1920. Santayana é a minha grande descoberta nova. É ele quem está

me reconciliando com o Catolicismo (. . .)" (p. 46); "Nova lorque, 1921. Das filosofias cujos diferentes sabores venho experimentando, as que me atraem mais são a de Santo Agostinho contra a de São Tomás, a de Pascal contra a de Descartes, a de Nietzsche contra a do próprio Kant. E agora James e Bergson contra Comte e Mill (. . .)" (p. 47); "Chartres, 1922. Chartres – que já visitei várias vezes – quase me persuade a ser Católico-Romano: Católico-Romano de corpo inteiro e de alma inteira (. . .)" (p. 117).

B) SOBRE GILBERTO FREYRE

LIMA, Alceu Amoroso. "Gilberto Freyre visto por um católico". In: Amado Gilberto et alii. *Gilberto Freyre: sua Ciência, sua Filosofia, sua Arte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p. 37-45.

MARTINS, Mário Ribeiro. *Gilberto Freyre, o ex-Protestante (uma contribuição biográfica)*. Rio de Janeiro: Aliança Bíblica Universitária do Brasil, 1973. 64 p.

REGO, José Lins do. "Notas sobre Gilberto Freyre". *Revista do Brasil*, 3ª fase (Rio de Janeiro) 4(32): 5-14, fevereiro 1941. Reproduzido como prefácio à obra de Gilberto Freyre *Região e Tradição* (vide supra) e na obra do autor *Gordos e Magros* (Rio de Janeiro); Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 116-133.

C) SOBRE CRISTIANISMO SOCIOLÓGICO

ELIOT, T. S. *For Lancelot Andrewes: Essays on Style and Order*. London: Faber and Faber, 1970. 112 p.

A primeira edição é de 1928.

— *The Idea of a Christian Society and Others Writings*. 2. ed. with an introduction by David Edwards. London: Faber and faber, 1982. 191 p.

Esta edição se recomenda tanto pela Introdução de David Edward como pelos textos suscitados na Inglaterra pela primeira edição.

MARITAIN, Jacques. *Humanisme integral: Problèmes Temporels et Spirituels d'une Nouvelle Chrétienté*. Paris: Aubier, 1936. 334p.

STURZO, Luigi. *Sociology of supernatural*. 1943. Apud Gilberto Freyre, *Assombrações do Recife Velho* (Obra supra-referenciada), p. XXV.